

DESP
18/8/97 DE 17
110



Embora os dois balões voassem sempre juntos, apenas Tucano, o "balão-ator", aparece no filme: dois meses captando sons e imagens deslumbrantes nas chapadas Diamantina, dos Veadeiros e dos Guimarães, esta é a maior desafio para os técnicos, com seus 400 quilômetros de extensão

Aventura pelo céu documenta parques nacionais

As locações roubam a cena em 'Três Chapadas e um Balão', primeiro longa de Maurício Dias, que deverá ser exibido somente na televisão e já atraiu o interesse de emissoras europeias

BEATRIZ VELLOSO

LENÇÓIS — O documentário *Três Chapadas e um Balão* tem dois narradores. Seus nomes: PT-WGX e PT-WX (como está escrito na lona) ou Tucano e Arara (como se chamam pelo rádio). São dois balões que protagonizam o primeiro longa-metragem do diretor Maurício Dias. O filme foi rodado do início de junho até a primeira semana de agosto e vai estar pronto em dezembro.

As locações escolhidas quase sempre roubam a cena: as chapadas dos Guimarães (Mato Grosso), Veadeiros (Goiás) e Diamantina (Bahia). Nesta última, a base da equipe foi a cidade de Lençóis, a 415 quilômetros de Salvador — o Estado foi acompanhar os últimos dias da filmagem.

Rodado em película, *Três Chapadas e um Balão* deverá ser exibido somente em televisão.

Seu destino mais provável é tornar-se uma minissérie em três capítulos, veiculada em canais de TV paga. Algumas emissoras europeias já estão interessadas em exibir o filme.

Maurício Dias conta que sua produtora, Grifa Cinematográfica, tem vários projetos para mostrar parques nacionais — *Três Chapadas e um Balão* é um deles. "As chapadas oferecem um visual maravilhoso, mas queríamos descobrir uma forma diferente de vê-las", explica. Assim surgiu a ideia dos balões.

Desde o dia em que as filmagens começaram, ficou claro que esse meio de locomoção foi uma escotima, a base da equipe foi a cidade de Lençóis, a 415 quilômetros de Salvador — o Estado foi acompanhar os últimos dias da filmagem.

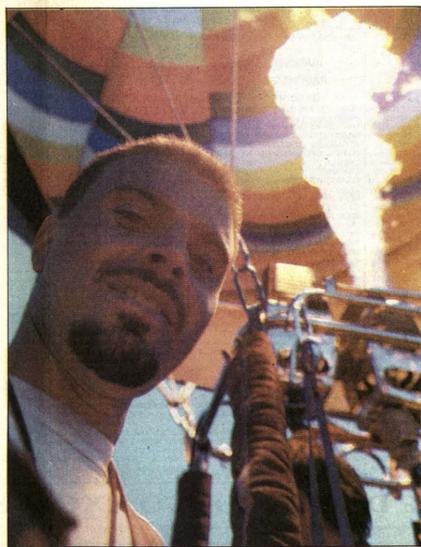
Rodado em película, *Três Chapadas e um Balão* deverá ser exibido somente em televisão.

Das três, a Chapada Diamantina foi o maior desafio para técnicos e balonistas. Numa exploração bastante simples, trata-se de um tipo de pedra apoiado na superfície, um imenso bloco de milhões de anos. São cerca de 400 quilômetros, numa "espinha dorsal" que começa em Minas Gerais e vai até a Bahia. No sentido leste-oeste, a chapada tem cerca de 50 quilômetros.

Estratégias de voo — Em março, o diretor, o produtor Paschoal Samora e o chefe dos balonistas, Sacha Haim (bicampeão brasileiro de balonismo), passaram 15 dias em cada um das chapadas, pensando nas estratégias de voo, estudando os ventos predominantes e as condições para resgatar os balões.

"A única coisa que podemos prever foram os imprevisíveis", brinca o diretor. Infelizmente, na Chapada Diamantina houve mais imprevistos que o esperado. Quando voltaram em julho para filmar, os ventos estavam completamente diferentes dos que sopravam no início do ano. Para piorar, o céu passou grande parte do tempo encoberto.

Os primeiros dias em Lençóis foram de frustração: várias decolagens tiveram de ser canceladas. Finalmente o tempo melho-



Maurício Dias: projetos para mostrar outros parques nacionais

rou e, enquanto os turistas seguiam trilhas fazendo longas caminhadas em terra, a câmera de *Três Chapadas e um Balão* descobria, a quase 2 mil metros de altura, uma Chapada Diamantina que ninguém conhece.

Para chegar lá em cima com sucesso, a equipe queimou neurônios para achar a melhor maneira de conseguir belas imagens. Para isso, o auxílio do inglês Jonathan Thornton foi fundamental. Craque em balonismo, ele levou em conta todos os obstáculos e adaptou os balões para sua nova função.

Nessa etapa de planejamento, ficou definido o esquema usado nas filmagens. Os dois balões sempre voam juntos. Arara, o balão técnico pilotado por Sacha, leva o diretor de fotografia Hélio Nagamine e um assistente de câmera (Carlos Yamashita ou Eduardo de André).

Tucano, o "balão-ator" que aparece no filme, é pilotado por Sandro (irmão de Sacha) e leva o diretor de som, Romeu Quinto. Além de captar o que está ocorrendo no cesto durante o voo, Quinto às vezes desce o fio de seu microfone e grava os ruídos da mata. Quando sobrevoaram o Pantanal, na Chapada dos Guimarães, a cantoria dos pássaros foi quase uma sinfonia.

"Sandro e eu precisamos ficar

sintonizados para que a câmera possa filmar o balão com uma paisagem bonita ao fundo", explica Sacha. Para facilitar, o Arara tem um mecanismo que permite fazer giros de 360 graus e buscar os melhores ângulos — em geral, só é possível controlar os movimentos para cima e para baixo. A lona (ou o envelope, no jargão do balonismo) é feita de náilon super-resistente e tem uma tampa que ajuda o balão a esvoaçar mais rápido, o que torna o pouso mais ameno.

O pouso: este pode ser o momento mais tenso do passeio. Uma vez que o balão se move de acordo com o vento, não é possível prever exatamente onde será a descida. O melhor negócio é buscar um local de mata mais aberta e de fácil acesso para o resgate, feito por duas picapes que levam a equipe de terra do balão: um motorista e um navegador em cada carro. Os veículos comunicam-se pelo rádio e têm um brinquedinho tecnológico chamado GPS, que recebe informações de satélites e dá a localização exata de quem está no ar.

As picapes têm de chegar o mais perto possível do local onde os balões descem. Caso contrário, é preciso carregar nas costas os 400 quilos do balão até o carro. Sacha lembra de um episódio na Chapada dos Veadeiros, quando a descida foi num ponto de acesso tão difícil que o resgate teve de ser feito com o auxílio de carros de boi.

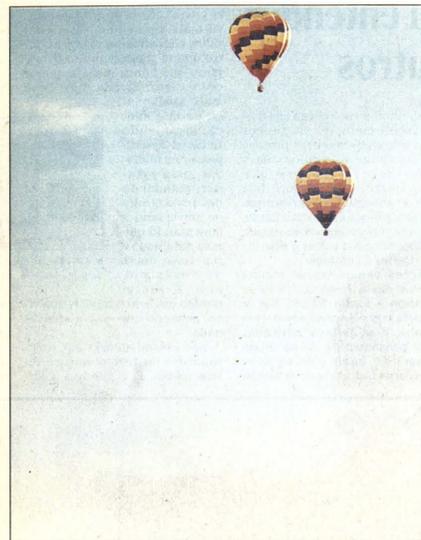
A velocidade ideal para a chegada é de 3 quilômetros por hora. Se o balão toca a terra andando mais rápido, o chão serve de freio e a pancada é dura. Para proteger a câmera, Thornton desenhou uma caixa em que tudo é guardado na hora do tranco.

Um dia na rotina da equipe de *Três Chapadas e um Balão* começa às 4 horas da manhã. Logo cedo, os carros dirigem-se em caravana para o local da decolagem, que pode ficar a mais de 100 quilômetros de Lençóis. Se o tempo e o vento colaboram, começa a correria: os balões precisam estar no ar o mais rápido possível. Assim que eles sobem, os carros de resgate partem em seu encalço, para encontrá-los no pouso. Um terceiro veículo leva a câmera de terra, que filma os balões no céu e o desenrolar da perseguição aqui embaixo.

"São três fios narrativos", esclarece Dias. "Lá em cima, a calmária dos balões; em terra, a adrenalina dos carros que têm de encontrá-los na chegada; e finalmente as histórias dos personagens que encontramos nas chapadas", completa.

A ideia é que não haja uma voz gravada narrando a história. A aventura do documentário será costurada com depoimentos dos balonistas, dos técnicos e de quem mora nas chapadas (*leia matéria ao lado*). Por isso mesmo não existe um roteiro prévio: o filme vai reproduzir exatamente o que aconteceu nesses dois meses de trabalho.

O que aconteceu? Algumas das paisagens mais bonitas do Brasil foram vistas da perspectiva de um balão pela primeira vez. Nada de motores de avião ou hélices barulhentas de helicóptero: apenas um pequeno cesto, um enorme envelope de náilon colorido e, de vez em quando, o som do maçarico enchendo a lona de ar quente. É certo que só uns poucos privilegiados estavam lá em cima e viram tudo com os próprios olhos. Mas, quando *Três Chapadas e um Balão* estiver pronto, outros tantos também vão participar desse voo.



Filmagens na Chapada Diamantina: paisagens em destaque



Maria Odete e Carmilo na porta de casa: "30 cruzeiros de aluguel"



Alzira, de 76 anos, que aos 12 já garimpava, entre as velhas casas de XiqueXique: "Estou no mundo todo, por causa dos diamantes que vendi, mas isso virou história para contar para os turistas"



Preparo do balão para o voo: dois olhares para as regiões visitadas

Moradores vivem de lembranças dos anos áureos do garimpo

Vilarejo chegou a ter 30 mil habitantes e hoje, com cerca de 500, mais parece cidade fantasma

LENÇÓIS — Alzira Nascimento Moura tem 76 anos. Quando era pequena, acompanhou o suspiro final do ciclo do diamante que deu nome à chapada baiana. Apesar disso, quando segura orgulhosa uma pequena pedra que ela mesma garimpou, o que chama a atenção não é o diamante: é sua mão, tão cheia de rugas que parece ter uma linha para cada história que ela conta. Alzira é um dos personagens que vão narrar *Três Chapadas e um Balão*, ao lado de garimpeiros, ecologistas e caçadores.

"Queremos mostrar a influência dos parques na vida das pessoas que vivem ao redor deles", diz Maurício Dias. Na Chapada dos Guimarães, por exemplo, foram descobertas ossadas gigantes, possivelmente de dinossauros. Os habitantes locais logo criaram uma lenda, segundo a qual lá viveram gigantes que subiram o paredão rochoso para escapar do grande dilúvio.

Em Goiás, na Chapada dos Veadeiros, a equipe encontrou comunidades que se adaptaram à nova realidade do parque, quando o local deixou de ser território de caça de veados e garimpo de cristal. A indústria do turismo e ainda a agricultura e a piscicultura são as novas alternativas econômicas para a região.

Alzira foi uma das pessoas com quem a equipe entrou em contato na Bahia. Ela mora em XiqueXique do Igatu, a 114 quilômetros de Lençóis. Alguns moradores afirmam que o vilarejo chegou a ter 30 mil habitantes nos anos áureos do garimpo. Hoje, são cerca de 500 e o lugar parece uma cidade fantasma: as casas, muitas delas construídas com as rochas da região, estão em ruínas.

Alguns registros achados por historiadores apontam 1845 como o ano da chegada dos primeiros garimpeiros à região. Em menos de 30 anos, o ciclo do diamante entrou em decadência, quando outras minas foram descobertas na África do Sul. Lençóis (que ganhou esse nome porque as tendas dos garimpeiros, vistas de longe, pareciam lençóis) era o centro comercial da chapada e as outras cidades abrigavam milhares de exploradores.

Histórias — "Nem sei contar tanta gente vinha para cá", lembra Alzira. Aos 12 anos ela já ia ao garimpo com o pai. "Nunca dancei, nunca fui aos carnavais, não desfrutei da minha mocidade". Ela lamenta que o ciclo de diamante e carbonita tenha acabado e hoje vive da venda de panos de mesa e colares de conta. "Estou no mundo todo, por causa dos diamantes que vendi, mas isso virou história para contar para os turistas".

XiqueXique do Igatu tem ainda outra figura cheia de recordações da época do garimpo: Carmilo Dias Santos, de 87 anos, passa as tardes sentado na calçada lendo livros ou na janela, olhando as brincadeiras das crianças. Como Alzira, ele já achou muitas pedras, mas hoje mora numa casinha simples e quase sem móveis.

Sua mulher, Maria Odete, era uma "rapariga" (nome pouco honroso nos anos do garimpo) em Guimarães, cidade localizada no lado oeste da chapada. Santos conta que foi buscá-la para casar e, desde então, moram juntos em XiqueXique. "Ele perdeu todo o dinheiro dos diamantes", diz ela, falando baixo e meio de lado, para que o companheiro não ouça. Desolada, Maria Odete afirma que eles quase não conseguem pagar os "30 cruzeiros" do aluguel.

Para registrar a passagem dos balões pelas cidades, a equipe realizou vários vãos cativos, que mantêm o balão no ar por alguns minutos, pouco com cordas ao chão. É um acontecimento: quem está passando pára e observa curioso, as crianças se "esquecem" de ir à escola e fogem do fogo do maçarico e os mais aventureiros pedem para dar um passeio. Um homem, meio confuso com a movimentação, aproximou-se e indagou: "Qual é a serventia deste balão?"

Unindo os personagens às imagens feitas nos vãos, *Três Chapadas e um Balão* vai ter dois olhares das regiões visitadas pela equipe: o de cima, em que as pessoas ficam tão pequeninas que são quase invisíveis e o destaque é a paisagem; e o de baixo, em que um universo que é tão distante de quem vive nas metrópoles chega mais perto e toma proporções enormes. (B.V.)